

## A Educação Física adaptada na realidade escolar: aprendendo com o convívio

*Adapted physical education in schools: learning from living together*

 Francisco Eden Soares Marcos \*  
Fernanda de Oliveira Silva \*\*  
Themis Cristina Mesquita Soares \*\*\*

Recebido em: 28 maio 2021  
Aprovado em: 30 out. 2023

**Resumo:** A presente pesquisa discute sobre inclusão através da Educação Física Adaptada, elencando o seu surgimento e principais conquistas, além de discussões desse objeto de estudo no âmbito escolar. Trata-se de um relato a partir do trabalho de conclusão de curso denominado “Eu vejo o outro quando me percebo: (re) construindo olhares sobre inclusão através da Educação Física Adaptada.” O objetivo geral deste trabalho é analisar como foram as vivências dos alunos sujeitos partícipes da pesquisa perante o conhecimento da Educação Física adaptada. Entre os objetivos específicos estão: identificar quais níveis de aprendizado pós intervenções metodológicas e, avaliar, a partir do diário de bordo do pesquisador, como os alunos se portaram perante o aprendizado e conhecimento adquiridos. Foi possível identificar, a partir dos resultados verificados, uma percepção de apreços e novos conhecimentos adquiridos não só pelos autores, mas também proporcionando novas vivências aos sujeitos da pesquisa. Por fim, analisamos a educação física como uma área na qual o trabalho com o corpo em movimento proporciona novas compreensões sensíveis ao ponto de enxergar o respeito com o outro, com a diversidade e com a idealização de uma trajetória de conhecimentos que se encontra na construção de saberes.

**Palavras-chave:** Educação Física Adaptada. Aprendizado. Alunos.

**Abstract:** This research discusses inclusion through Adapted Physical Education, listing its emergence and main achievements, in addition to discussions of this object of study in the school context. This is a report based on the course conclusion work called “I see the other when I perceive myself: (re)constructing perspectives on inclusion through adapted Physical Education.” The general objective of this work is to analyze the experiences of the students participating in the research regarding the knowledge of adapted Physical Education. The specific objectives include: identifying the levels of learning after methodological interventions and evaluating, based on the researcher’s logbook, how the students behaved in the face of the learning and knowledge acquired. It was possible to identify, from the results verified, a perception of appreciation and new knowledge acquired not only by the authors, but also providing new experiences to the research subjects. Finally, we analyze physical education as an area in which working with the body in movement provides new understandings that are sensitive to the point of seeing respect for others, for diversity and for the idealization of a trajectory of knowledge that is found in the construction of knowledge.

**Keywords:** Physical Education. Apprenticeship. Students.

\* Francisco Eden Soares Marcos é licenciado em Educação Física – UERN. Contato: edensoares994@gmail.com.

\*\* Fernanda de Oliveira Silva é licenciada em Educação Física – UERN, Professora de Educação Física Sousa/PB, Mestre em Ciências Sociais e Humanas/UERN. Contato: nandamadrid5@hotmail.com.

\*\*\* Themis Cristina Mesquita Soares tem Licenciatura Plena em Educação Física – UFRN, Professora de Educação Física UERN, Pós Doutorado/UERN. Contato: themissoares@uern.br.

## Introdução

Por meio da disciplina “Educação Física para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais”, vivenciada durante a graduação, encontramos uma estratégia que muito precisa ser estudada e mais valorizada: a “Educação Física Adaptada”. Por se tratar de uma área que trabalha a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física, surgiu um interesse em pesquisar sobre a temática, devido ao fato de os professores não terem conhecimento específico para ministrar tais aulas. Segundo as pesquisas de Aguiar e Duarte (2005), para a implantação de um ensino inclusivo, não se pode esquecer da implementação de mudanças processuais, como o contínuo treinamento dos professores. Ainda sobre isso, Fiorini e Manzini (2014) argumentam sobre a necessidade de os professores identificarem e assumirem dificuldades encontradas na infraestrutura escolar, para que assim compreenda-se o processo da inclusão na prática das aulas para os alunos com deficiência.

No que se refere, especificamente, à pessoa com deficiência e aos cursos de Educação Física, objeto desse estudo, Cidade e Freitas (2002) afirmam que:

No que concerne à área da Educação Física, a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, por meio da Resolução número 03/87, do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física com o portador de deficiência e outras necessidades especiais. A nosso ver, esta é uma das razões pelas quais muitos professores de Educação Física, hoje atuando nas escolas, não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física Adaptada ou à inclusão (CIDADE; FREITAS, 2002, p. 27).

Vivenciadas as práticas dessa disciplina, os desafios e as potencialidades que essa vertente da Educação Física pode proporcionar para os professores e para os alunos, nos deparamos com o propósito desta pesquisa, que corresponder a um recorte do trabalho de conclusão de curso de Educação Física do Campus Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, intitulado: “Eu vejo o outro quando me percebo: (re)construindo olhares sobre inclusão através da educação física adaptada”. Assim, para melhor compreender a Educação Física Adaptada, aponta-se para a seguinte pergunta problema: “De que modo as aulas de Educação Física escolar podem contribuir para os alunos pensarem a inclusão e a deficiência de maneiras diferentes por meio da Educação Física Adaptada?”.

O objetivo geral é analisar como foram as vivências dos alunos sujeitos participantes da pesquisa a partir do conhecimento da Educação Física Adaptada. Definem-se como objetivos específicos: a) identificar quais níveis

de aprendizado pós intervenções metodológicas; e b) avaliar a partir do diário de bordo do pesquisador como os alunos se portaram diante do aprendizado e conhecimento adquirido.

Trazemos uma relevância científica bastante enriquecedora, com a importância de relatar um estudo na área da Educação Física adaptada para alunos de graduação que sirva como um referencial teórico e prático, que os auxilie nos conhecimentos durante a graduação, bem como para professores graduados que estejam iniciando no mercado de trabalho ou até mesmo para os que já atuam na profissão, mas não possuem conhecimento específico para trabalhar com essa estratégia em suas aulas. Ela aborda um pouco sobre como as experiências vividas podem oferecer aos pesquisadores científicos um contato direto com a realidade escolar.

Para a sociedade é mais um grande avanço, pois trata-se de uma pesquisa com intervenções metodológicas que ocorreram no chão da escola e no Programa Residência Pedagógica em Educação Física, cuja finalidade é apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica (BRASIL, 2018, p. 1). Mostra ainda que, a inclusão é algo possível nas aulas dessa disciplina, capaz de agregar os alunos, e fazer com que eles possam vir a ter um olhar mais humanizado para com os seus colegas e também com a pessoa com deficiência.

## 1. Contexto histórico em que surgiu a Educação Física Adaptada

As raízes da Educação Física Adaptada estão nas atividades curativas ou exercícios terapêuticos desenvolvidos na China entre 3.000 e 2.500 a.C., onde existia a crença de que os exercícios, massagens e banhos eram preventivos, terapêuticos e serviam para aliviar distúrbios físicos e doenças (CLARKE *et al.*, 1978; SEAMAN; DEPAUW, 1982; ADAMS *et al.*, 1985).

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para as pessoas com deficiência começa em 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Conforme Costa e Sousa (2004):

A educação física começava a se preocupar com a atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção (COSTA; SOUZA, 2004, p. 28).

Acredita-se que as culturas enraizadas europeias influenciaram o desenvolvimento da Educação Física

Adaptada em diversos momentos, com a expressão da “Ginástica Médica”, na qual se acreditava que o exercício era sempre a melhor medicina. Por isso, surge, em 1952, o conceito de Educação Física Adaptada, englobando uma educação física com terapias físicas e corretivas, tendo em vista as mudanças nos programas esportivos após a I Guerra Mundial.

Outro marco importante nessa trajetória foi o fim da II Guerra Mundial, momento em que as pessoas mutiladas buscavam uma reabilitação, o que se tornou possível e foi complementada pelo esporte adaptado (SILVA; JÚNIOR; ARAÚJO, 2008):

Na Inglaterra, em 1944, Sir Ludwing Guttman (neurologista e neurocirurgião) cria um programa de tratamento no centro de lesão medular do Hospital de Stoke Mandeville, onde introduziu várias modalidades desportivas. Em 1948, neste centro, foram realizadas competições nacionais e internacionais, sendo a primeira o basquete em cadeira de rodas. Já em 1952, os jogos passaram a se chamar Jogos Internacionais de Stoke Mandeville (ISMIG). A partir dessa data, a educação física adaptada passa de um modelo médico para um modelo pedagógico (SILVA; JÚNIOR; ARAÚJO, 2008, p. 86).

Pensando em todos esses aspectos de desporto e esportes adaptados no Brasil, após os congressos brasileiros do esporte para todos, de 1982 a 1986, houve a proposta de possibilitar a prática desportiva ou recreativa em locais públicos, ao ar livre. Houve também o retorno da Secretaria de Desporto para a atribuição do Ministério da Educação e Cultura (MEC), transformando-se em Departamento, além do retorno, em Coordenadora, do Departamento do Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência.

Silva, Júnior e Araújo (2008) dizem que:

Segundo o MEC, ações da Secretaria de Educação Especial - SEESP (2004), é a partir da Conferência Mundial sobre a “Educação para Todos”, em Jomtien (em 1980), e da Declaração de Salamanca, na Espanha (em 1994), que o Brasil assumiu como compromisso, perante comunidade internacional, combater a exclusão de qualquer pessoa do sistema educacional (SILVA; JÚNIOR; ARAÚJO, 2008, p. 89).

A partir disso, percebemos que a Educação Física Adaptada vem percorrendo caminhos que aos poucos vão sendo reconhecidos e inseridos nos contextos escolares, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que delinea proteção universal aos direitos básicos; o ano internacional das Pessoas com Deficiência (1981) decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU); a Declaração de Salamanca (1994) que garante a inclusão dos alunos com deficiência nas classes regulares de ensino; mais recentemente, a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão

da Pessoas com Deficiência (PCD) - (Estatuto da PCD), e no ano de 2016, a Lei nº 13.409/2016, que dispõe sobre a reserva de vagas para as PCD nas instituições federais de ensino no Brasil.

Nesse aparato de abordagens mais recentes, uma forma bastante visível e midiática para estratégias de inclusão desse público são os Jogos Paraolímpicos ou Paralímpicos. A nomenclatura dos jogos paraolímpicos, segundo Costa e Sousa (2004, p. 31), começou a ser utilizada em 1964, durante os jogos de Tóquio, com fusão das palavras paraplegia e olímpico. Essa competição tem como objetivo destacar a capacidade dos atletas e sua excelência, promovendo, assim, a coragem, determinação, inspiração e igualdade, além de incentivar as pessoas com deficiência à prática esportiva por meio dos esportes adaptados. Essa participação traz um grande incentivo para alunos com deficiência se sentirem capazes de estarem presentes nas aulas de Educação Física, bem como em competições escolares, incluindo-os como sujeitos partícipes na sociedade em que estão inseridos.

## 2. A Educação Física Adaptada e sua relação com a escola

Filus e Martins (2004), consideram que a Educação Física adaptada é um campo emergente da Educação Física, na qual o professor deve ser paciente, observador e criativo. Nisso percebemos que cabe ao docente buscar e pesquisar sobre a realidade dos seus alunos, conhecer a estrutura da escola na qual ministrará as aulas, buscar e ampliar seu conhecimento para trabalhar com as diferenças dos seus discentes, e, a partir daí, trazer essa esfera de ensino, sendo paciente com cada estudante, observando o nível de aprendizado e interesse na aula, usando também da criatividade para sempre manter a participação de todos.

Sendo a Educação Física um dos componentes curriculares da educação básica no Brasil, alguns autores dizem que é dessa forma que a Educação Física Adaptada surge nas escolas, objetivando estabelecer metas e estratégias políticas capazes de assegurar ao aluno em condição de deficiência o acesso e permanência na escola regular com efetiva participação nas aulas de Educação Física (SILVA; JÚNIOR; ARAÚJO, 2008, p. 89). Assim, vivenciando essas metodologias, os professores em suas práticas pedagógicas devem contemplar todos os alunos, abandonando aquela velha prática de deixar de lado as pessoas com deficiência por falta de preparação para o efetivo trabalho junto a eles.

A Educação Física, por muito tempo, foi e ainda é extremamente excludente em alguns de seus enfoques e na sua prática educativa. Junqueira e Bacciotto (2004,

p. 3) trazem que o conhecimento produzido pela área da Educação Física Adaptada tem contribuído substancialmente para que a escola repense as necessidades dos alunos em relação a esta disciplina. A Educação Física Adaptada é tratada como uma área em que o professor utiliza, por meio de suas unidades temáticas ou conteúdo, propostas para o componente curricular, de estratégias e metodologias a fim de que haja a participação e interação das pessoas com deficiência nas aulas do componente curricular.

Segundo Costa e Sousa (2004):

A educação física adaptada surgiu na década de 1950 e foi definida pela *American Association* como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos a interesses, capacidades limitações de estudantes com deficiência que não podem se engajar com a participação irrestrita, segura e bem-sucedida em atividades vigorosas de um programa de educação física geral (COSTA; SOUSA, 2004, p. 79).

Cidade e Freitas (2002) afirmam que não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover as barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. Cabe ao professor ser criativo e estar disposto a receber o aluno com deficiência, o que interfere de forma positiva no processo inclusivo. Mas somente as pessoas com deficiência podem participar das aulas de Educação Física Adaptada?

Para essa resposta recorreremos novamente ao estudo de Junqueira e Baccioto (2004, p.4), no qual as autoras trazem a Educação adaptada e inclusiva, como sinônimos, para afirmar que é uma área da Educação Física criada para atender as pessoas com deficiência, porém isso não significa dizer que os demais não possam usufruir de seus princípios. Ou seja, as autoras trazem uma perspectiva em que se trabalha com os mesmos jogos da Educação Física, com algumas restrições e modificações de regras, mas todos podem participar, com ou sem deficiência, sendo que a atividade física é importante para uma melhor socialização, mas sempre em lugares adequados, e respeitando as limitações dos alunos.

Partindo desse pressuposto, começamos a entender e clarear as ideias de como entender as necessidades e particularidades de cada aluno, e que, ao nos depararmos com esse público nas escolas, podemos trabalhar com estratégias metodológicas que incluam esse aluno nas aulas sem a preocupação de ter que retirá-los por incompatibilidade com as atividades.

Assim, vivenciando essas metodologias, os professores em suas práticas pedagógicas devem contemplar todos os alunos, abandonando aquela velha prática de deixar de lado as pessoas com deficiência por falta de preparação para o efetivo trabalho junto a eles.

### 3. Materiais e métodos

A presente pesquisa trata de um recorte de um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Educação Física sob a perspectiva de um estudo descritivo e exploratório, desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa. Utilizamos de intervenções metodológicas para entendermos como se deu a convivência com o objeto de estudo. Como técnica de interpretação dos resultados, após organização dos materiais, fez-se uma análise crítica e descritiva desses resultados.

De acordo com Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como, o questionário e a observação sistemática.

Ainda de acordo com Gil (2002, p. 41), estas pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. A pesquisa qualitativa na Educação Física tem franco desenvolvimento relacionado aos aspectos educacionais (SANTOS; MORETTI-PIRES, 2012, p. 23).

A partir de um estudo piloto realizado por Marcos e Silva (2019), com sete professores de Educação Física formados e atuantes da rede pública de ensino na cidade de Pau dos Ferros (RN), construiu-se a população dessa pesquisa com alunos do ensino fundamental dos anos finais da Escola Estadual Tarcísio Maia, localizada no mesmo município.

Através da proximidade com um dos professores partícipes do estudo, o processo de busca por um campo de atuação foi minimizado e facilitado. Então, a escolha da escola deu-se após a conclusão desse estudo e, após um encontro formal, conseguimos uma sala de aula com disponibilidade para realizarmos a pesquisa. Levamos em consideração o fato de que a escola trabalha a perspectiva inclusiva com os alunos e funcionários, sendo referência na cidade, resultado obtido com a conclusão do estudo piloto.

Foram realizadas intervenções metodológicas na escola com duração de dois meses (o estudo foi realizado no 2º Bimestre), com dez encontros concretizados. Os sujeitos partícipes da pesquisa foram 31 alunos da turma do 9º ano "B", matutino, da referida escola,

concluindo, assim, 20 hora-aulas. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) encaminhado, para assinatura, aos os pais e/ou responsáveis pelos participantes, ficando assim cientes da participação destes na pesquisa.

Todo o planejamento foi desenvolvido com base na unidade temática de Dança, que já fazia parte do planejamento anual a ser desenvolvido pela disciplina de Educação Física na escola.

Juntamente com o professor regente na turma e com as alunas do Programa de Residência Pedagógica em Educação Física (RESPED) da UERN – Campus Pau dos Ferros, foi planejado como a inclusão e a Educação Física Adaptada poderiam ser desenvolvidas nas aulas.

As etapas metodológicas se deram em dois momentos. De início, realizamos a aplicação de um questionário com as seguintes perguntas: a) *“Você já ouviu falar sobre o termo inclusão? O que compreende sobre este assunto?”*; b) *“Considerando as atividades diárias de cada indivíduo, seja em ambientes escolares ou em qualquer outro ambiente, para você, o que é incluir uma pessoa nessas atividades?”*; c) *“Você concorda que os alunos deficientes devem participar das aulas de Educação Física? Por quê?”*; d) *“Já ouviu falar sobre a Educação Física Adaptada? O que você acha que ela aborda?”*.

Esse questionário foi aplicado no primeiro e também no último dia de intervenção a fim de perceber se houve evolução na forma de pensar e entender dos alunos sobre esse objeto de estudo. Cervo e Bervian (2002) afirmam que o questionário é a forma mais utilizada para coletar dados, possibilitando medir com exatidão o que se deseja.

A segunda etapa do estudo foi desenvolvida por meio das intervenções metodológicas com atividades embasadas na unidade temática da disciplina, porém, utilizou-se como estratégia assuntos, diálogos, debates e atividades referentes à inclusão, e a Educação Física Adaptada como procedimento metodológico. Desse modo, pensou-se como estratégia metodológica o diário de bordo/diário de campo do pesquisador, no qual constam anotações e acontecimentos mais importantes de todas as aulas (essas anotações eram registradas ao final de cada intervenção).

Os diários surgem tanto na Europa quanto no Japão por volta do século X. Pelo fato de as habilidades de escrita nesta época serem restritas, os diários foram inicialmente elaborados por membros de elites – como o caso da corte japonesa ou do clero anglo-saxão. Quando o uso da escrita e os meios técnicos se expandiram, os depoimentos escritos regularmente com caráter pessoal também se ampliaram. Assim, por volta do século XVII, inúmeros documentos desse tipo foram criados, não apenas por religiosos e nobres, mas por cientistas, arquitetos e outros (ALASZEWSKI, 2006 *apud* ZACCARELLI; GODOY, 2010, p. 1).

As intervenções metodológicas se deram no decorrer das aulas, obedecendo sempre um cronograma pré-estabelecido. Foram desenvolvidas atividades de leitura, discussão e construção de textos, mapeamento do entendimento sobre inclusão e Educação Física Adaptada por meio de aulas teóricas expositivas com recorte histórico acerca das temáticas. Somado a isso, atividades práticas para a construção e reconstrução de saberes, busca ativa na escola através de uma pesquisa realizada pelos próprios alunos com funcionários em geral da instituição, tornando-os, assim, sujeitos engajados na busca do conhecimento também foram realizadas, além de identificação de propostas e atividades de como compreendiam e poderiam promover a inclusão dentro e fora da escola.

#### 4. Resultados e discussões

Nesse tópico, descreveremos e analisaremos os dados de forma ordenada por meio dos seguintes contextos: diálogo sobre o questionário aplicado no primeiro dia de aula, a fim de enfatizar os saberes antes das intervenções; após esse momento, traremos, de forma detalhada, as intervenções no olhar do pesquisador, retratando acontecimentos das aulas e os pormenores que tratam novos conhecimentos e aprendizados por parte dos alunos.

A intenção do questionário era aproximar os alunos dos conhecimentos acerca da inclusão e da Educação Física Adaptada. Para tanto, as perguntas partiram de uma ideia de saber o que eles já conheciam sobre as temáticas no início das intervenções, para, ao final, perceber se foram (re)construídos novos olhares, levando em consideração o que foi aprendido durante os encontros.

Em ambos os questionários aplicados no primeiro e no último dia de intervenções, os 31 alunos sujeitos dessa pesquisa responderam e contribuíram com seus conhecimentos. Nessa análise, após a leitura de todas as respostas, foram levadas em consideração as que se aproximavam ou que se relacionavam, destacando e trazendo algumas ao longo do texto para darmos foco nos resultados obtidos.

Quando indagamos, na primeira pergunta, se os alunos já ouviram falar sobre o termo inclusão e o que compreendiam sobre este assunto, 13 destes deixaram as respostas em branco ou responderam “não” ou “não sei”. Esse resultado abre uma lacuna que nos faz refletir: será que em casa, na rua, na escola, nunca realmente ouviram falar sobre esse termo? A escola deixa de praticar algum tipo de atividade que remete a temas sociais? Veremos mais à frente as respostas para tais interrogações.

Trazemos, então, respostas construídas por alguns

dos sujeitos participantes, que trouxeram respostas desde a *“incluir algo ou alguém em algo”*, até algumas como *“incluir em atividades”, “práticas culturais e sociais”*. Também destacamos construções bastante relevantes que atendem às necessidades dos nossos objetivos, pois alguns alunos associaram o termo inclusão a *“abraçar pessoas que tem uma certa diferença”, “compreendo a união de pessoas, sendo ela deficiente ou qualquer outra”*.

Inclusão<sup>1</sup>, que vem do verbo incluir<sup>2</sup>, traz em seu significado compreender, fazer parte de, ou participar de. Participação é uma necessidade fundamental do ser humano, logo o homem só terá possibilidade de total desenvolvimento numa sociedade que permita e facilite a sua participação (VOIVODIC, 2004). Nessa perspectiva, conseguimos observar que os alunos, mesmo que em outros momentos tenham vivenciado pouco sobre a terminologia referente à inclusão, conseguem identificar o que a palavra quer trazer em conceito mais elementar.

Assim, conseguimos observar que alguns alunos conseguem fazer uma clara diferença que incluir não remete somente a pessoas com deficiência, mas também a qualquer outra pessoa que, com suas particularidades, tem o direito de estar em meio à sociedade, convivendo, dialogando, ou seja, refere-se a um princípio da equidade, manifestando um senso de justiça e igualdade de direitos. Observa-se também que, há um olhar para o outro e para como esse é, mesmo sem saber, observamos que eles possuem um espírito *ubuntu*<sup>3</sup> dentro de si.

Assim como esse diálogo acima, para Stainback e Stainback (1999, p. 12), uma escola inclusiva é um lugar onde todos fazem parte, onde todos são aceitos, onde todos ajudam e são ajudados por seus colegas e por outros membros da comunidade escolar, para que suas necessidades educacionais sejam satisfeitas.

A pergunta 2 interrogava sobre o que os sujeitos consideravam a respeito de incluir um indivíduo em atividades em ambientes escolares ou em qualquer outro local. Do total de respondentes, três deles deixaram suas respostas em branco ou responderam *“não”* ou *“não sei”*.

As duas primeiras perguntas apresentavam um elo, pois, ao serem construídas, tinham o objetivo de ajudar os alunos a organizar e compreender os seus conhecimentos acerca da inclusão. Então, de um modo geral, muitos remeteram suas respostas a idade de permitir, ao deixar participar, ao ajudar. Destacamos, nesse contexto, a seguinte resposta: *“Permitir que toda e qualquer pessoa possa se incluir em todos os tipos de atividades independente se elas são ou não diferentes de alguma maneira das outras pessoas”*. A clareza como esse sujeito se referiu ao permitir<sup>4</sup> traz uma relevante contribuição para esse processo, pois, como dito

anteriormente, revela parte do conceito básico da inclusão, e não se remete a pessoas com deficiência somente. Nesse momento, começamos a obter um riquíssimo conjunto de ideias para nos auxiliar e possibilitar a esses alunos (re)construir as suas concepções sobre a inclusão.

Estamos falando não somente de enxergar sobre o que vem a ser a inclusão, mas também um cenário, na perspectiva do autor, no qual os alunos possam vislumbrar algo sensível sobre essas diferenças. Essa permissão seria fazer com que o outro se sinta incluído, permitindo que os alunos sejam protagonistas dessa história, construindo e reconstruindo juntos um horizonte de novas ideias.

Assim, a sensibilidade e afetividade tornam-se parte de todo o processo da inclusão escolar, que deve partir de uma construção de laços do docente com o discente, para que perpassasse a ideia adiante, e possa se observar essa mesma perspectiva sensível aluno com aluno. Luck e Carneiro (1983, p. 40) enfatizam que o professor ensina muito menos pelo que diz, e muito mais pelo que faz, e, nesse sentido, muito mais pelo o que é mais do que pelo que diz, podendo então estar ligado inteiramente na vida dos alunos.

O documento Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, publicado pelo Ministério da Educação (MEC), traz também uma comparação entre inclusão e democracia que muito se aproxima da fala do estudante acima:

Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida (BRASIL, 2001, p. 27).

A pergunta 3 questionava se os sujeitos concordavam que os alunos com deficiência deviam participar das aulas de Educação Física, e pedia uma justificativa. Essa foi uma das perguntas a qual todos os alunos responderam, e por unanimidade, concordaram com essa participação. Podemos observar que, desde o início das intervenções, os alunos têm o apreço pelo outro, sabem que todos podem participar das atividades. Trazemos mais uma resposta coletada: *“Se o aluno deficiente se sentir bem, com a atividade”*. Observamos a tamanha importância que esse colega de sala tem pelas pessoas com deficiência, uma vez que sua fala revela que não basta somente participar para dizer que esteve lá, o importante é estar bem consigo e com a atividade.

Ainda dentro dessa pergunta, outro sujeito traz a seguinte resposta: *“Sim, porque não é uma deficiência que diz que alguém pode ou não participar de algo, deficientes podem sim participar de aulas de educação”*

física e de qualquer outro tipo de atividade”. Essa fala destacou-se entre as demais, pois impulsiona a quebra de muitos paradigmas impostos pela sociedade, segundo os quais as pessoas veem as pessoas com deficiência como incapazes, desprovidas de participação social igualitária. Podemos ver que os alunos, mesmo que implicitamente, trabalham o raciocínio da universalidade, concordando com a ideia de que a participação deve ser um direito de todos, não havendo restrição por cor, raça, sexo ou alguma dificuldade ou deficiência, respeitando o conceito da inclusão de todos.

A pesquisa de Souza *et al.* (2013) confirmou a crença na possibilidade de incluir alunos com deficiência na Educação Física escolar com qualidade de ensino, respeitando suas limitações e desenvolvendo suas possibilidades. O objetivo da inclusão desses estudantes no contexto escolar mostrou-se possível, por meio do emprego de métodos de ensino apropriados, de associação da prática com um referencial teórico de suporte, da existência de uma equipe interdisciplinar que atue conjuntamente, da adequação de recursos materiais e disposição de acolhimento pelos profissionais, revendo, assim, o processo de ensino-aprendizagem, além de repensar a exploração dos espaços e tempos da escola e investir na formação continuada dos profissionais

Chegamos então à pergunta 4, última pergunta desse questionário, que interrogou se os estudantes já haviam ouvido falar sobre a outra temática do nosso estudo, a Educação Física Adaptada, e o que consideravam que ela abordava. Dentre os sujeitos participantes, 20 responderam que sim, os outros deixaram a resposta em branco, ou responderam que “não”, ou ainda deixaram respostas bastante confusas e de difícil compreensão. Mesmo esses alunos que escreveram que nunca tinham ouvido falar sobre o termo, tentaram explicar o que ele aborda. Dentro das respostas recebidas, destacamos as seguintes: *“Eu acho que para pessoa que tem dificuldade, como os deficientes”*, resposta que manifesta que o aluno, mesmo desconhecendo o tema, consegue associá-lo ao construir oportunidades para as pessoas com deficiência. Outra resposta que ressaltamos, ainda sobre esse último questionamento, é: *“Ainda não, mas “adaptada” traz ideia de adaptar, ou seja, fazer com que as atividades de educação física sejam propícias a pessoas com certa dificuldade”*.

Esse outro sujeito, mesmo que nunca tenha estudado sobre o assunto, explicita partes do objetivo principal da Educação Física Adaptada e nos faz perceber que provavelmente, em suas aulas, o professor já precisou adaptar alguma situação devido ao(s) aluno(s) com deficiência que compõe(m) determinada turma. Destacamos ainda, que alguns alunos, em suas respostas, associaram a Educação Física Adaptada a atividades voltadas ao esporte.

Bueno e Resa (1995) trazem a ideia de que “a educação física adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da educação física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo deficiente”.

Relatando um pouco mais das outras respostas recebidas, nas quais os sujeitos deram suas contribuições ao que conheciam sobre a temática, notou-se que, em sua maioria, eles trouxeram explicações voltadas à adaptação de atividades ou jogos para pessoas que têm algum tipo de dificuldade ou até mesmo deficiência. Percebemos que grande parte dos respondentes entende que adaptar essas situações proporcionará uma maior participação por parte daqueles que se sentem excluídos por acharem que não são capazes de realizar determinados feitos. Sobre essa questão, um dos sujeitos afirmou: *“Sim, acho que aborda pessoas com deficiências e com isso ajudam a essas pessoas a se incluírem em atividades físicas”*.

Mesmo antes de iniciar os diálogos em sala sobre a temática por meio das metodologias desenvolvidas para as intervenções, muitos alunos já conseguiam construir pensamentos acerca da Educação Física Adaptada, seja por associação das palavras e contextos, seja por terem vivido alguma situação ao longo da vida e das aulas de Educação Física na escola.

## Considerações finais

Esta pesquisa nos possibilitou a descoberta de grandes conhecimentos, termos científicos, novas perspectivas e conquistas sobre a Educação Física Adaptada levantou uma problemática bastante encontrada nos dias atuais e acabou nos inserindo no seio de uma escola de ensino público, onde, de um lado, existe a Educação Física Adaptada – sendo aquela proposta para ser realizada com os alunos com deficiência no sistema regular de ensino –, e do outro, a Educação Física Inclusiva, que trata de discussões de atividades que constroem o processo de inclusão social na escola, para todos os alunos, com princípios educacionais pautados no respeito, solidariedade sem qualquer discriminação, repudiando assim as injustiças e valorizando a construção do sujeito.

Nessa linha de raciocínio, dialogamos com as palavras do educador Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

Dessa maneira, na fase inicial do estudo, percebeu-se que, os alunos sujeitos sabiam muito pouco, e quase não dialogavam sobre essa problemática investigada. Logo nos primeiros encontros, notou-se uma pequena semente sendo plantada na vida deles, uma semente que mais tarde se tornaria uma grande flor capaz de encher os campos de suas vidas.

Conseguiu-se também observar como funcionava a participação da pessoa com deficiência nas aulas de Educação Física escolar, que, na maioria das vezes, acontece dentro de sala de aula, pois o horário desse componente curricular está no fim da manhã, impossibilitando, assim, atividades extraclasse, devido à exposição ao sol (realidade presente no município onde o estudo foi realizado). Porém, por meio dessa pesquisa, foi possível obter informações de que as aulas da disciplina, se adaptadas ao ponto de os estudantes se sentirem confortáveis para a sua participação, os engajam e encorajam.

Esse estudo também nos permitiu descobrir que a inclusão nas escolas públicas de ensino ainda precisa de muito investimento, professores capacitados, salas mais apropriadas, espaços para práticas pedagógicas, entre outros elementos, visto que o que mais se encontra nessas instituições, nesta de maneira específica, é a vontade por parte dos gestores e do quadro de funcionários do fazer acontecer, do incluir todos, do possibilitar uma qualidade de ensino a qualquer aluno. A igualdade de estudo deve ser para todos, independentemente de quaisquer necessidades que esse alunado apresente. A importância da inclusão se dá justamente por não enfatizar privilégios, mas por tornar justa a existência de todos.

Com tais considerações, trazemos a mudança no olhar dos alunos. Agora, estes já conhecem sobre inclusão e sobre a Educação Física Adaptada, dialogam a respeito dessa temática, encontrando exemplos de

onde e como acontecem. O processo de intervenção não possibilitou somente transferir o pouco do que se sabia sobre o assunto, por parte do pesquisador, como também possibilitou, acima de tudo, aprender a cada aula, em cada planejamento e com cada estudante.

O desempenho de todas as tarefas enfrentadas trouxe um leque de novas possibilidades, que podem vir a acontecer em todas as realidades existentes. E foi nessa pesquisa que uma parte do pesquisador ficou com os alunos. O que hoje eles diferenciam, dialogam e relatam sobre a inclusão e sobre a Educação Física Adaptada, objetos de estudo desta pesquisa, trazem a resposta do título desse estudo. Os estudantes conseguem hoje se enxergar percebendo o outro, suas particularidades, suas capacidades e também suas potencialidades.

Diante de tais fatos, podemos observar não somente uma formação de valores sobre a inclusão sendo (re)construída, mas também uma geração de pessoas que sabem, a partir do que foi aprendido, que seguir um caminho sozinho jamais será possível, o grande feito da vida é conviver com o seu semelhante, é perceber-se a partir do outro e perceber como viver em uma sociedade que compreenda que todos são iguais.

Caminha-se agora para um novo rumo com o pensamento do que foi vivido, convivido, aprendido e ensinado. O desejo é que essa pesquisa possa influenciar a gerações futuras a nunca pararem de desejar o bem para o próximo, pois por meio dela, o pesquisador se viu percebendo o outro. E para não dizer que se trata de um fim, esse foi só o começo de novas descobertas. ■

## Notas

- <sup>1</sup> DICIO, Dicionário Online de Português. A inclusão significa “integração absoluta de pessoas que possuem necessidades especiais ou específicas numa sociedade: políticas de inclusão.”
- <sup>2</sup> DICIO, Dicionário Online de Português. “Incluir” corresponde a “pôr; passar a pertencer a um grupo; tornar-se parte de uma classe de pessoas.”
- <sup>3</sup> Filosofia africana que significa sou quem sou, porque somos todos nós. Solidariedade, compaixão, partilha, empatia e o desejo sincero de harmonia e felicidade entre as pessoas.
- <sup>4</sup> Vocábulo empregado aqui no sentido de ‘possibilitar; tornar possível’.

## Referências

- ADAMS, Ronald. C. *et al.* **Jogos esportes e exercício para o deficiente**. Barueri: Manoel, 1985.
- AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, maio/ago. v. 11, n. 2, p. 223-240, 2005.
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação, 2001.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1, 1996.
- BRASIL. **Referenciais para a formação de professores**. Ministério da Educação. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.
- BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2016.
- BRASIL. **Portaria Gabinete nº 38, de 28 de fevereiro de 2018.** Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2018.
- BUENO, S. Toro; RESA, Juan Antonio Zarco. **Educación Física para niños y niñas com necessidades educativas especiais.** Málaga: Aljibe, 1995.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CIDADE, Ruth Eugenia; FREITAS, Patrícia Silvestre. Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. **Revista Integração** – Edição Especial: Educação Física Adaptada, v. 14, p. 26-30, 2002.
- CIDADE, Ruth Eugenia Amarantes; FREITAS, Patrícia Silvestre. **Introdução à Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência.** Curitiba, Ed. da UFPR, 2009.
- CLARKE, H. Harrison.; CLARKE, David. H. **Developmental and adapted physical education.** Englewood Cliffs: Prentice – Hall, 1978.
- COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 7-160, maio, p. 27-42, 2004.
- FILUS, J. F.; MARTINS, J. Reflexões sobre a formação em educação física e a sua aplicação no trabalho junto às pessoas com deficiência. **Revista da Educação Física, Maringá**, v. 15, n. 2, p. 79-87, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3424>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- FIORINI, Maria Luiza Salzani de; MANZINI, Eduardo José. Formação do professor de Educação Física para inclusão de alunos com deficiência. **Poiesis Pedagógica**, Goiânia, v.12, n.1, p. 94-109, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/31209> >. Acesso em: 10 jan, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JUNQUEIRA. Fernandes Junqueira; BACCIOTTO, Sarita de Mendonça. **Educação física adaptada: as dificuldades encontradas pelos professores de educação física de Campo Grande/MT frente à inclusão.** Mato Grosso, p. 1-8, 2004.
- LUCK, Heloisa; CARNEIRO, Dortohy Gomes **Desenvolvimento afetivo na escola: promoção, medida e avaliação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MARCOS, Francisco Eden Soares; SILVA, Fernanda de Oliveira. Inclusão e educação física adaptada: concepções e práticas de professores de educação física. *In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 21. **Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Natal: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, set., 2019, p. 1-5.
- RIBEIRO, Débora. **DICIO, Dicionário Online de Português.** [S.l.]: Dicio, Dicionário Online de Português, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/incluir/>. Acesso em: 4 fev. 2019.
- RIBEIRO, Débora. **DICIO, Dicionário Online de Português.** [S.l.]: Dicio, Dicionário Online de Português, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/inclusão/>. Acesso em: 4 fev. 2019.
- SANTOS, Saray Giovana dos; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física.** Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.
- SEAMAN, Janet. A; DEPAUW, Karen. P. **The new adapted physical education: a developmental approach.** Polo Alto: Mayfield, 1982.
- SILVA, Rita de Fátima; JÚNIOR, Luiz Seabra; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Educação Física Adaptada no Brasil: da história à inclusão Educacional.** São Paulo: Phorte, 2008.
- SOUZA, R. C. S.; et al. **Educação Física Inclusiva: perspectiva para além da deficiência.** Aracaju: Editora UFS, 2013.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores.** Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cader-nos EBAPE.BR**, v. 8, n. 3, p. 550-563, set. 2010.